

GRAMÁTICA E SOCIEDADE: UM OLHAR SOBRE OS *FUNKS* COM ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

Ana Beatriz Antonio de ALCANTARA¹

(Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro– IFRJ)

RESUMO: Este artigo tem o propósito de analisar advérbios em *-mente* nos *funks*, assim tentando compreender os sentidos no contexto musical e suas influências na interpretação do machismo pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbios; Morfologia; *Funk*; Machismo; Expressividade.

INTRODUÇÃO

Reconhecendo que língua é um sistema dinâmico e passível de sofrer mudanças, é importante lançar um novo olhar para os processos de formação de palavras. Atualmente, a flexibilização dos meios de comunicação tornou mais fácil um artista se lançar ao público.

Os *funkeiros* são artistas que estão dominando o mercado musical apenas lançando suas músicas *online*. O *funk* é um estilo musical criado no Rio de Janeiro, oriundo das comunidades com o objetivo de verbalizar as situações de precariedade vividas pelos moradores daqueles locais e, hoje em dia, espalhou-se por todo o país. Os temas dessas músicas atualmente focalizam, principalmente, o comportamento das pessoas nos bailes *funks*. Devido a essa mudança de foco, o *funk* pôde abranger vários tipos de tribos sociais, tendo assim de adaptar a linguagem utilizada nas músicas, ocorrendo novos usos dos processos de formação de palavras.

O objetivo principal deste artigo é analisar músicas que foram formadas com a adição do sufixo *-mente*, criando advérbios como “abusadamente”, “malandramente” etc. e observar se a combinação desses novos advérbios com as letras das músicas transmite ao público-alvo ideais machistas e casos de objetificação da mulher.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

Utilizamos para o nosso aporte teórico o artigo “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao *funk* carioca”, por Mylene Mizrahi (2018), e a dissertação de mestrado “MY PUSSY É O PODER: Representação feminina através do *funk*: identidade, feminismo e indústria cultural”, por Mariana Gomes Caetano (2015). Esses textos foram de extrema importância para elucidar algumas questões que apareceram durante a pesquisa, como, por exemplo, se a música for cantada por uma *funkeira* e abordar como ela dança sensualmente, será considerada com ideais machistas ou é somente uma maneira de demonstrar como a própria se sente. Duas outras questões também se impõem: as mulheres no meio do *funk* possuem autonomia para cantar o que querem? O que as ativistas feministas pensam sobre essa vertente feminista?

¹ O presente trabalho, elaborado por bolsista de iniciação científica de Ensino Médio, foi financiado pelo IFRJ/ CNPq, através de bolsa PIBIC Jr., e orientado pelo Prof. Dr. Vítor de Moura Vivas. Na execução da pesquisa e na elaboração do trabalho, foi, de extrema relevância, o auxílio do Prof. Dr. Victor Figueiredo Souza Vasconcellos e da Profa. Dra. Margareth Andrade Morais.

Gramática e sociedade: um olhar sobre os funks com advérbios em -mente

As duas autoras tendem a acreditar que a mulher, nesse sentido, reconhece e sabe sobre sua sexualidade e que isso não é um problema que deva permanecer no escuro. A questão do lugar de fala dessas mulheres no *funk* é abordada de maneiras diferentes pelas duas autoras, mas, ao mesmo tempo, apresentam semelhantes pensamentos de que as mulheres pobres, de comunidade e muitas vezes negras, podem sim possuir ideais feministas e que a maneira de se portar perante o homem não é uma questão de submissão e sim, possivelmente, a única forma que as mesmas encontraram de poder ter voz em um ambiente que na maioria das vezes é bem hostil para com elas.

DISCUSSÃO SOBRE OS TEXTOS

Começamos a pesquisa, analisando o ponto de vista de Mizrahi (2018) sobre como a questão de gênero é abordada no meio do *funk*. Em seu texto, ela sugere que o homem, para ser reconhecido como um MC de sucesso e representar a imagem de masculinidade proposta pela sociedade, necessita de “adornos”, que podem ser malotes de dinheiro, um fuzil, joias, tênis e roupas de marca, entre outros, mas também existe o “adorno” que não é material, a mulher, através da qual o “homem” se vangloria nas festas, o que se mostra muito importante na esfera musical. Isso pode ser observado no seguinte trecho:

Os objetos estéticos de meu interesse são aqueles que compõem diferentes aparências e possuem como foco um tipo de masculinidade exemplar, associada aos homens mais velhos – os padrinhos do funk. Esses “objetos” podem ser maços de dinheiro, um fuzil, joias, bem como tênis, roupas e chapéus. Mas para além dos objetos materiais temos a “mulher”, da qual o “homem” se faz ladear na esfera da festa e que é presença recorrente em suas falas cotidianas. Nessa conjuntura, a mulher, que poderia ser concebida como objetificada, é também um dos adornos que permitem ao homem se entender como tal. A mulher e seu papel constitutivo contribuem para que vejamos o aspecto relacional que define a noção de pessoa masculina que aqui designo como funk. Se os objetos materiais são pensados como adornos da pessoa, fazendo emergir o “homem” enquanto pessoa social, a mulher é adorno empoderador do homem. (MIZRAHI, 2018,p.5)

Nesse trecho, a autora também aborda que a mulher é o adorno “empoderador” do homem, o que poderia levar a pensar que a mulher é vista de uma maneira objetificada. Contudo, a relação de poder que é vista no ambiente, muitas vezes, não está ligada a uma hierarquização e sim a um poder exercido tanto pelo “homem” quanto pela “mulher”. Essa questão pode ser elucidada se pensarmos que o homem *funkeiro* necessita da mulher para reforçar a sua masculinidade e, em troca disso, a mulher acaba recebendo um *status* que, de certo modo, é bem aproveitado. Desse modo, a mulher é que permite ao homem a chance de se vangloriar de sua presença. A presença do homem ao seu lado não é o que faz com que ela tenha um grande impacto visual quando ele chega à festa, mas sim o carro imponente em que ela está, a beleza, as roupas, o que é financiado pelos homens. Em outras palavras, são os homens que dependem da imagem das mulheres muitas vezes.

Entretanto, a mulher não deixa que o homem utilize de sua imagem sem restrições e respeito. Se a mulher se sentir ofendida por alguma coisa que foi dita ou feita pelo homem que ela está acompanhando, a parceria entre os dois pode ser desfeita, pois podemos perceber que o homem, nesse contexto, precisa muito mais da figura feminina do que ela da masculina. Isso pode ser visto, em algumas músicas que são chamadas de “respostas”, nas quais a *funkeira* rebate o que foi dito em outra música. Para chegar a essas

Ana Beatriz Antonio de ALCANTARA

reflexões, na pesquisa, a autora acompanha artistas do *funk* no dia a dia, como, por exemplo, Mr. Catra, Mc Mascote etc.

Então, nesse contexto, a mulher sabe que a sua figura é importante para o *status* do homem e, então, ela se deixa ser “usada”, pois entende que pode receber algo em troca. Essa “troca de favores” é, muitas vezes, vista como algo impróprio por algumas ativistas feministas, o que acarreta outros debates sociais. Caetano (2015) cita falas de uma ativista feminista, Alana Moraes, que tenta desmerecer a fala de Valesca Popozuda em relação ao feminismo. Podemos afirmar que a exploração das relações entre os gêneros não representa uma visão fixa e que, dependendo do contexto em que está sendo demonstrada, a figura feminina apresentafaces distintas das que são abordadas normalmente.

Para enriquecer ainda mais a pesquisa, analisamos o primeiro capítulo da tese de Caetano, no qual ela aborda a representação feminina no ambiente *funk* e levanta debates importantes, como a disputa das *funkeiras* por outra forma de representação na sociedade, através de estratégias para driblar a lógica e os padrões. Essas estratégias causam certo estranhamento ao movimento feminista, sendo essas ações consideradas contraditórias.

Podemos citar a hirpessexualização das mulheres, o que, na visão de algumas ativistas, pode contribuir para a competição entre elas e ferir a sororidade. Entretanto, esses discursos e a forma como as cantoras abordam a sexualidade feminina nas músicas podem ser maneiras que as *funkeiras* encontraram de verbalizar ideais feministas com uma linguagem que atinja as mulheres de classes mais populares.

Uma das vertentes mais fortes do funk hoje tem como temática principal o erotismo. Quando ele entra em pauta, a mulher está mais presente do que nunca no funk, e esta é uma questão central para entendermos qual é a estratégia da mulher para ganhar espaço neste meio tão masculinizado. Pontuo, neste caso, que não faço a defesa de que apenas a presença da mulher já demonstra certa “abertura” nestes espaços, é preciso compreender o papel desempenhado por elas. Tampouco pretendo demonstrar que o uso do erotismo por essas mulheres represente por si só um discurso feminista, inclusive porque, em alguns casos, o erotismo é apontado justamente como o elemento que descaracteriza uma possível relação entre funk e feminismo” (CAETANO, 2015, p.33).

Ao longo do texto, a autora cita alguns eventos, *blogs*, entre outros meios, que abordaram o tema de representação feminina no *funk*. Apresenta um texto disponível no *blog* do coletivo “Marcha Mundial das Mulheres”, escrito por Alana Moraes, o qual possui um conflito de ideias entre Moraes(2013) e Caetano. Moraes insinua que as *funkeiras* se alinham ao movimento feminista não por ações, ideias delas próprias, mas motivadas por discursos de analistas, estudiosos que tentam “encaixar” os discursos dessas *funkeiras*. A literatura sobre feminismo estudaria as letras de *funk* e chamaria de feminismo; assim, as autoras passariam a gostar da ideia de se autoidentificar dessa forma. Para defender essa visão, Moraes (2013) cita o exemplo de Valesca Popozuda, que foi umas das primeiras a serem estudadas numa linha de pensamento feminista. Essa visão foi veemente rebatida por Caetano (2015), já que Valesca, entre outras cantoras, afirmaram ser feministas, antes de o tema ser discutido e analisado por estudiosos. Segundo a autora, muitas estudiosas apresentam uma visão restrita sobre feminismo sem considerar o contexto e as redes de relações de diferentes grupos sociais.

O movimento feminista apresenta várias vertentes de pensamentos, que devem respeitadas igualmente. Entretanto, algumas linhas alegam que certas ações são “impróprias” e não são consideradas parte do movimento, o que de certo pode gerar mais

Gramática e sociedade: um olhar sobre os funks com advérbios em -mente

discursos de ódio contra essas *funkeiras*. Isso torna a visão sobre essas artistas ainda mais pejorativa.

Acreditamos que essa resistência por parte de algumas pessoas e também por parte da literatura sobre enxergar as falas dessas cantoras como sendo feministas está ligada à maneira que as mulheres são apresentadas nas canções. Mesmo tendo o objetivo contrário, a objetificação da figura feminina que existe na sociedade se torna evidente, assim como ficam visíveis os conflitos entre mulheres em versões como “fiel *ns* amante”, o que parece, de alguma forma, ferir irmandade entre elas. O modo como esses temas são abordados nas músicas poderia ser uma maneira de desabafo dessas cantoras sobre situações de impedimento que as mesmas sofreram, mas também essas falas podem ferir e anular a luta de outras mulheres.

A mulher pode ser ou fazer o que bem entender, e ninguém tem o poder de deter uma pessoa de se expressar da maneira que ela se sente confortável, porém deve-se ter cuidado para não ferir a luta de outras mulheres. Essa situação também esbarra na questão político-ideológica, visto que a mulher estaria realizando uma negociação de seu corpo com estruturas de poder dominantes, características de uma sociedade capitalista, o que não parece ser o caso das maiorias dos *funks* cantados por mulheres. Nesse contexto, o que mais se deve ressaltar nesses *funks* é a percepção de uma maneira de verbalizar as situações do dia a dia dessa pessoa e o que ela gosta de fazer “entre quatro paredes”. Nesse sentido, entendemos que ela não está vendendo seu corpo para ter bens materiais, e que isso é somente uma consequência da relação entre ela e o homem.

Ao analisar algumas músicas, a maneira que o eu-lírico feminino representa a figura masculina como a de “otário”, entre outros, parece estar contra o ideal de igualdade entre gêneros do movimento feminista, mas essa maneira pejorativa de lidar com o homem é a forma que essas cantoras encontraram para se vingar de situações humilhantes que elas viveram. Segundo Caetano (2015), hoje em dia, a “indústria *funkeira*” é formada por grandes monopólios comandados por poucos empresários, que dominam gravadoras, produtoras de DVDs, programas de TV etc. São eles que ditam a moda, usando do seu poder para estabelecer contratos lesivos aos artistas, que, em sua maioria, são muito jovens, criando empecilhos àqueles que, ao construírem carreiras mais sólidas, negam-se a se submeter a essas regras.

Essa situação pode também contribuir para com o estilo de letra, melodia das músicas; assim, são obrigadas a um perfil mais explícito para que possam agradar os produtores e assim conseguem reconhecimento no meio. Essa lógica torna-se mais flexível em razão da relação artista/empresário, a qual se torna mais fácil e tem as exigências das artistas respeitadas se o empresário for da família, namorado, marido, como fica evidente nesse trecho (MOREIRA, 2014, p.164):

- Quando perguntei se elas tinham autonomia sobre suas carreiras, as mulheres que entrevistei foram unânimes em dizer que, sim. Essa autonomia está principalmente relacionada com a relação empresário/artista, bem como que tipo de sacrifícios elas estão dispostas a fazer por suas carreiras. Esta autonomia pode ser parcial ou negociada, como no caso de MC Pocahontas, que tinha 18 anos, perto de completar 19, no momento da entrevista, e cujo empresário era também seu noivo. [...] Mesmo que MC Pocahontas diga que ela tem os mesmos direitos que seu empresário/noivo, ela narra pelo menos duas situações que aconteceram no início de sua carreira, nas quais ela não queria cantar certas letras, mas foi ‘convencida’ a cantar. [...] Assim, agora, quase dois

Ana Beatriz Antonio de ALCANTARA

anos depois, com uma fama razoável, e um noivo como seu empresário (algo que já pode ter mudado, uma vez que eles se separaram algumas vezes antes).

Então, abrimos um questionamento: o fato de essas MCs cantarem músicas com um cunho sexual explícito seria uma questão de reafirmar a sua liberdade sexual, ou seria uma imposição por parte dos grandes produtores, para que estas alcançassem sucesso? No ambiente do *funk*, a questão de gênero e a representação feminina é um tanto controversa e não podemos descartar nenhum discurso e nem anular nenhuma fala, pois, nessa realidade, a diversidade de discursos e falas parece muito evidente. O objetivo da nossa pesquisa, através dessas diversas discussões, é poder refletir sobre os advérbios formados pela adição do sufixo *-mente* dentro das músicas. Pretendemos discutir se, nestas, há ideais machistas e se esse estilo de *funk*, geralmente cantado por homens, interfere na produção de novos *funks*; além disso, interpretamos as consequências desse estilo nas músicas cantadas por *funkeiras* e na relação com noções de feminismo.

METODOLOGIA

A coleta de dados ocorreu de três maneiras: 1) para análise geral, escolhemos músicas de *funk* com advérbios em *-mente*, oriundas de uma *playlist* do *spotify* chamada “*Funks advérbios de modo*”; 2) estudamos, através da gramática tradicional e da linguística, a função e o sentido dos advérbios; 3) utilizamos literatura específica de estudos sobre *funks* e as visões desses autores sobre as questões do machismo e da objetificação da mulher nas músicas; 4) analisamos dados de pesquisa, realizada com alunos de turmas de ensino médio-técnico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

O *corpus* constitui-se de 10 músicas. Na época em que iniciamos a pesquisa, existiam somente esses 10 *funks* disponíveis para a análise, porém hoje, em 2020, há mais algumas disponíveis; em futuras pesquisas, pretendemos investigá-las. Neste artigo, decidimos analisar com mais detalhes quatro músicas: “Abusadamente”; “malandramente”; “Automaticamente” e “Derrepentemente”. Com estas músicas, conseguimos apontar algumas características relevantes observadas na pesquisa.

ANÁLISE DOS DADOS

Nosso objetivo foi observar se o sentido que as palavras formadas pela junção do sufixo *-mente* possuem é o sentido tradicional da gramática (de modo) ou se apresenta outros sentidos. Alguns desses advérbios apresentam uma função atitudinal/expressiva (GONÇALVES, 2002; 2011). Através das formações com *-mente*, o enunciador das músicas, em diversos momentos, apresenta a sua impressão juízo de valor para as mulheres e seus atos. Outra característica a ser ressaltada é que o advérbio parece relacionar-se às músicas inteiras e não a um verbo ou oração específica. O advérbio em *-mente* inicia as músicas e tem, como escopo, o texto inteiro, no qual aparece a visão de mundo do locutor sobre determinada mulher. Somente a música “Derrepentemente” tem um enunciador feminino; apresentamos uma análise dela no artigo. A primeira música analisada foi “Abusadamente”, como verificamos abaixo:

Ó, Gusta, Ó, Gusta

Mano tá vendo essas ideia mano, tá vendo?

Sempre tem aquele amigo que mente, né mano?

Gramática e sociedade: um olhar sobre os funks com advérbios em -mente

*Aquele amigo que é abusado
É viado, se tá ligado que tem várias abusadas que mente
Aí fazendo a mesclagem, se tá ligado o que que dá
Boa ideia, mano, se juntar os nome fica maneiro
Tipo mente abusada
Não, né não abusada, mente
Abusadamente*

Esse trecho representa uma conversa entre os dois interlocutores da música, na qual fazem uma “brincadeira” com as palavras “mente” e “abusado (a)”. Quando eles se utilizam dessas palavras para falar das atitudes de um homem, podemos inferir que um homem que mente ou que é abusado é menos criticado do que seria uma mulher. Ainda no diálogo, eles brincam com o processo de formação da palavra ‘abusadamente’. Em vez de relacionar o adjetivo abusada com o sufixo *-mente*, articulam o adjetivo ‘abusada’ com o verbo ‘mente’, afirmando que a mulher é abusada e mente. Fica evidente, nesse contexto, como há uma visão depreciativa sobre a mulher na música toda e na utilização do advérbio (função expressiva). A pausa e outras características fonológicas demonstram que o enunciador utiliza duas palavras nesse trecho e não o advérbio em *-mente*. Analisamos também outra parte da música:

*Abusadamente ela vem batendo
Bum bum
Ela vem quicando
Bum bum
Ela vem tremendo
Bum bum, bum bum, bum bum
(Bum bum)
Vou ter que assumir que tu é foda
(Bum bum)
Vou ter que assumir que tu é foda Que tu é brava*

A palavra ‘abusadamente’ inicia a maioria das estrofes da música, introduzindo as ações das mulheres no baile *funk*, como “ela vai batendo”. Nesse exemplo, esse advérbio possui o sentido tradicional, ou seja, o modo que a mulher dança é abusado.

No trecho, temos um exemplo de que o homem que está se relacionando com ela fica relutante em elogiar as suas qualidades, mesmo que sejam físicas, porque, por ela se comportar de um jeito abusado, não deveria receber elogios. ‘Abusadamente’ tem como base um adjetivo no feminino com sufixo em *-mente*. A palavra cria possíveis sentidos: a mulher é abusada; ela dança de um jeito abusado. É fundamental ressaltar que, como abordamos acima, segundo Mizrahi (2018), o homem, para se afirmar, precisa dessa mulher ‘abusada’, que dança de forma sensual e tem personalidade. A próxima música analisada é “Malandramente”:

*Malandramente
A menina inocente
Se envolveu com a gente
Só pra poder curtir
Malandramente
Meteu o pé pra casa*

Ana Beatriz Antonio de ALCANTARA

*Diç que a mãe tá ligando
Nós se vê por ai
Ai safada!
Na hora de ganhar madeirada
A menina meteu o pé pra casa
E mandou um recadinho pra mim
(Nós se vê por ai) (x4)*

Nesta música, a palavra ‘malandramente’ também introduz as ações femininas, mas realiza um papel importante: serve de antecessora de todas as rimas existentes nas músicas. Podemos observar que, no começo da música, a menina era inocente e que queria “curtir a noite” com o grupo de homens. Por estar se divertindo com eles, conclui-se que ela precisa ter relações sexuais com um deles. Como ela não queria ter nada com o enunciador, ela passa ser chamada de “safada”, pois foi embora “deixando os rapazes na mão”. A palavra ‘malandramente’ atribui possíveis sentidos ao texto, como: a menina é malandra, porque fugiu do homem; ela enganou os “caras” e, por isso, tornou-se safada. Novamente, convém ressaltar o aspecto relacional apontado por Mizrahi (2018): a mulher não depende do homem; é ele que depende dela para se afirmar no seu contexto social. A seguir, apontamos algumas reflexões sobre “Automaticamente”:

*Automaticamente, quando ela escuta
Já quer embrasar, ela fica maluca
Bota a mão no joelho e vai tremendo a bunda
Bem que eu avisei
Essa cintura de elástico merece replay
E eu acho isso fantástico
Eu já disse que amei (que amei, que amei)*

O advérbio ‘automaticamente’ não está somente se relacionando com o verbo ou com a oração, mas com a ideia que a música inteira quer transmitir. Como a mulher vive “no automático”, o advérbio não está ligado somente às ações femininas nas festas e sim ao seu estilo de vida. No segundo trecho apresentado, podemos ver novamente exemplos de que os únicos “elogios” que as mulheres recebem nessas músicas estão ligados às suas características físicas, ao seu modo de dançar etc. ‘Automaticamente’ atribui possíveis sentidos ao texto, como, por exemplo, a mulher escuta a música; automaticamente, ela muda seu jeito. A última música é “Derrepentemente”:

*Der re pen te men te
Fui dançando sensualmente
Descendo suavemente
Extrema mente
Betendo bundão no chão (x4)
Embraçadamente
No passinho envolvente
Os maloka no ombrinho
As mina jogando o bundão (x4)*

Gramática e sociedade: um olhar sobre os funks com advérbios em -mente

Diferente das demais, essa música, é cantada por uma mulher. Entretanto, apresenta a mesma temática das outras letras, nas quais as mulheres dançam sensualmente nos bailes. Esse *funk* traz um debate importantíssimo para a nossa pesquisa, pois podemos interpretá-lo com dois olhares diferentes. O primeiro é o de que existe uma objetificação da mulher na letra e, por a *funkeira* pertencer a um contexto cultural diferente, não percebe que a música tem um cunho machista. Por outro lado, podemos também entender que a mulher está dançando sensualmente, porque ela se sente bem com aquela atitude e que quem manda no seu jeito de dançar é ela própria.

Essas quatro músicas contribuíram bastante para a construção do trabalho, já que podemos observar uma tendência no tema abordado, a presença da função atitudinal (GONÇALVES, 2002; 2011) do afixo *-mente*. Além disso, observamos que todos os elementos das músicas estão contribuindo para expressar um pensamento do enunciador para com a mulher. “Derrepentemente” é a música que nos fez aprimorar mais nossas noções sobre as vertentes do feminismo e também o posicionamento dessas cantoras sobre o seu jeito de se expressar. Até o momento da análise, podemos afirmar que existem maneiras diferentes de interpretar a música em questão.

A primeira é que o machismo está enraizado na sociedade e a cantora, sem perceber, acaba reproduzindo falas machistas e não percebe que, em sua música, há casos de objetificação da mulher. A segunda é que, por ela estar em um local de destaque e falando por si mesma na música, só está afirmando como gosta de se divertir e dançar; sendo assim não ocorre machismo na obra. Numa terceira hipótese, o jeito de cantar e representar a música podem ser algo criado para que ela consiga fazer sucesso com sua música a mando de um produtor, assim não deixando que ela participe da escolha do que deve cantar.

Com a variedade de pensamentos sobre haver ou não machismos nesses textos, decidimos realizar uma pesquisa no IFRJ com duas turmas, uma do primeiro e outra do quinto período, para podermos saber o que as pessoas pensam quando escutam essas músicas. O teste consistiu basicamente em realizar a interpretação de texto das músicas “Malandramente” e “Derrepentemente” e responder algumas questões, como verificamos abaixo:

Turma: Idade: Gênero:

Normalmente você escuta funk?

Sim () Não ()

Se sim, já escutou alguma vez um funk com palavra que terminasse com o sufixo *-mente* ?

Os entrevistados deveriam realizar a interpretação de texto daquelas duas músicas e responder as seguintes questões:

Você acha que é um homem ou uma mulher que canta esse Funk?

Com essa pergunta, pretendíamos identificar se, ao ler o texto, as pessoas conseguiriam distinguir o gênero da pessoa que estava cantando, para poder entender se, por serem temas parecidos e sobre festas, as pessoas tenderiam a dizer que era um homem cantando.

Em poucas linhas, explique o que você entende da música?

Com essa pergunta queríamos saber se, ao ler as músicas, os entrevistados compreenderiam de maneiras diferentes os temas propostos, já que de certo modo as duas possuíam o mesmo tema. Acrescentamos, também, a seguinte pergunta:

Você acha que nessa música ocorre algum caso de machismo e objetificação da mulher? Justifique.

Com essa pergunta, tínhamos como objetivo identificar se as pessoas que conseguiram distinguir o gênero dos cantores apresentariam posicionamentos distintos em relação a ter ou não objetificação na obra.

RESULTADOS

A maioria das pessoas conseguiu distinguir que, na primeira música apresentada, o enunciador é um homem e, na segunda, uma mulher. A maioria das pessoas afirma que não existe machismo nem objetificação da mulher na primeira música, pois a mesma está em seu lugar de fala e eles entendem que esta se sente bem com a sua maneira de dançar. Todos os entrevistados afirmaram que existe machismo e objetificação da mulher na segunda música, pois o homem chama a mulher de forma pejorativa, porque ela não quis ter relações com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o trabalho ainda tem muito para progredir, mas até o momento podemos concluir que a questão de gênero em nossa sociedade e principalmente no ambiente do *funk* é uma questão cheia de mistérios, debates e controvérsias; sendo assim, devemos analisar com cuidado cada discurso e ideal proposto, pois o tema possibilita interpretações diversas. Podemos afirmar que os advérbios criados com o sufixo-*mente* apresentam um papel importante no processo de formação de novas palavras e que, de alguma forma, influenciam nos ideais daqueles que consomem esse tipo de estilo musical. Devemos, a partir de esse momento, lançar um olhar mais aprofundado para as letras das músicas ainda não analisadas, para que possamos criar um posicionamento claro em relação às consequências que essas formações podem trazer para a sociedade brasileira e as noções de feminismo hoje existentes. Pretendemos, em análises futuras, interpretar também outras marcas linguísticas responsáveis pelos posicionamentos sociais nas músicas, assim como aprofundar nossas reflexões sobre a relação entre literatura, funk e feminino. Também temos como objetivo aplicar outra pesquisa de campo, abrangendo vários tipos de classe, escolaridade, também voltada para os principais consumidores do *funk*, os moradores de comunidade. É fundamental questionar se estes acreditam que exista machismo nessas músicas e também realizar uma pesquisa somente voltada para o público feminino para esclarecer algumas questões que vêm à tona na análise da literatura sobre o tema.

**A MORPHOLOGICAL, TEXTUAL AND SOCIAL ANALYSIS OF ADVERBS IN
-MENTE IN FUNKS**

Abstract: *This article aims to analyze Adverbs in mind in funks thus trying to understand the meanings to which they refer in the musical context and its influences on the interpretation of machism by society.*

Keywords: *Adverbs; Morphology; Funk; Machism; Expressiveness*

REFERÊNCIAS

CAETANO, Mariana Gomes. *My pussy é o poder: Representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural*. Dissertação de Mestrado em Culturas e Territorialidades. Rio De Janeiro, UFF/Faculdade de Letras, 2015.

GONÇALVES, C. A. “Morfofpragmática da intensificação sufixal em português”. *Revista de Letras*, Rio de Janeiro, 2002.

GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação*. São Paulo: Contexto, 2011.

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca”. *Cadernos Pagu*, Rio de Janeiro, 2018.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES. Valescapopozuda: Sua Buceta Também Pode Ser Nossa. Disponível Em:

<https://Marchamulheres.Wordpress.Com/2013/12/30/Valesca-Popozuda-Sua-Buceta-Tambem-Pode-Ser-Nossa/>. Acesso em: 16 Abr. 2020.

MOREIRA, Raquel. *Bitches Unleashed: Women In Rio's Funk Movement, Performances Of Heterosexual Femininity, And Possibilities Of Resistance*. Dissertation Presented To The Faculty Of The Social Sciences, University Of Denver, 2014.